

Bion em Brasília

Conferências

Dr. Wilfred Bion, a convite da Professora Virgínia Bicudo e contando com a colaboração do Instituto de Psicanálise de São Paulo, esteve durante todo o mês de abril de 1975 em Brasília, quando se dispôs a atender a numerosos pedidos de estudiosos das Ciências Humanas fazendo conferências na Universidade de Brasília sobre seus últimos trabalhos e investigações em psicanálise.

As conferências foram pronunciadas em inglês, com tradução em paralelo.

A tradução do traduzido-falado ao traduzido-escrito esteve sob a responsabilidade de Jansy Berndt de S. Mello. Este trabalho, embora liberado pelo o autor para a publicação exclusiva em *Alter*, não contou com sua revisão.

Segunda conferência¹

Wilfred Ruppert Bion

Fazer uma conferência é uma atividade que deixa muito a desejar, pois não há perguntas e, conseqüentemente, as respostas do conferencista não tem sentido, pois são dadas a perguntas que não foram feitas. Economizaríamos tempo supondo, como faço, que vocês já têm uma vaga ideia da área em relação a qual eu poderia responder as perguntas. E como nos falta tempo para explorar todo domínio abrangido por essa área genérica, é melhor não gastá-lo em perguntas não enunciadas. Em suma, gostaria que vocês fizessem um exame sobre que dúvidas ou ideias brotaram em suas mentes desde a conferência anterior (ou mesmo naquela, pronunciada pelo Dr. Armando Ferrari que me caberia ter apresentado). Não hesitem em expressar o problema que gostariam de ver melhor explorado. Não sei se alguém já se sente preparado para fazer alguma pergunta.

– Qual a relação, se é que existe, entre memória e intuição? Qual a importância destas no trabalho psicanalítico?

Na minha experiência, a memória tem realmente uma espécie de passado, e como partícipio passado. Por outro lado, o desejo é um tempo futuro, alguma coisa que se quer que ocorra de tal ou tal forma. Essas atividades, portanto, descritas como memórias ou desejos, apesar de serem atividades presentes na realidade como reminiscências ou como antecipações, têm algo em comum: se você lembra algo, isso tem um efeito que, curiosamente, obscurece o que está se passando no presente. Suponhamos que alguém entre os presentes está pensando sobre os planos do que fará amanhã ou relembando algum evento do passado, enquanto faz isso, perde o momento presente. A memória e o desejo interferem na observação daquilo que ocorre no momento presente. Outro exemplo, se eu pensasse que isso é uma conferência, eu me lembraria de vários acontecimentos experimentados no passado

1 Publicada pela primeira vez em *Alter – Jornal de Estudos Psicodinâmicos*, 6(2), 9-14, 1976.

como “antigas conferências”, me lembraria de vários conhecimentos e nada novo ocorreria. Se eu pensasse que vocês querem ouvir algo que tenho a lhes dizer sobre isso, eu não observaria o curioso arranjo do público nas cadeiras desta sala. Daqui onde estou sentado vejo filas de lugares vazios e, à medida que a distância entre estes e eu aumenta, os agrupamentos tornam-se mais cerrados. Tal fato, em si, pode ter pouca importância, mas quando noto essa configuração, torna-se um fato para mim que se impõe aos meus sentidos. Como eu tenho um preconceito a favor do que posso ver e ouvir com meus órgãos dos sentidos, acho que vale a pena considerar o que essa distribuição peculiar significa. Como ocupar esses lugares vazios? Que força é essa que impulsiona as várias personalidades (que acredito assim o serem) nesta sala aos assentos do fundo? Não posso responder a isso, mas tendo observado esse fato como o considero, posso ir além, já que agora minha curiosidade está acesa. Será que isso acontece em todas as conferências, ou isso só acontece em conferências sobre psicanálise? Nessa disposição particular deve haver uma resposta, algum evento ou estrutura uniforme. Se eu tivesse alguma intuição, essa seria oportunidade para exercitá-la. Observando em particular os fatos dessa disposição de pessoas, eu me questionaria sobre por que isso acontece e o que acontece aqui enquanto estou aqui neste momento? Meus órgãos dos sentidos não me levam longe. Tenho apenas a impressão do que me agrada chamar de “fatos”. Poderia, ainda, considerar o que estes fatos são importantes, porque se referem ao comportamento de personalidades e descrevem tal estrutura. Ou será que o fato é simplesmente uma impressão que tenho sobre um fato qualquer e que não se refere a mim? A estrutura que eu vejo tem algo a ver comigo? Ou é algo como um fato que está aí?

Ao considerar essa questão começo a tornar-me consciente de certos acontecimentos que não tem relação com isso e nem facilitam minha investigação sobre a situação emocional que, inicialmente, excitou minha curiosidade. Se eu começasse a pensar sobre ocasiões prévias onde tal coisa poderia ter ocorrido, eu deixaria de ver a situação presente como aquilo que ela me oferece. Acontecimentos se dão e eu não os percebo por estar ocupado com acontecimentos passados. Se eu me preocupasse com o amanhã, sofreria do mesmo problema,

meu entendimento seria moldado pelo desejo. De forma semelhante a isso, se eu começar a compreender esta situação, encontro-me, inevitavelmente, buscando explicar para mim mesmo porque os fatos são o que são e enquanto procuro explicar isso, esses fatos ficam esquecidos, deixo de poder observá-los. Eu estaria extraordinariamente surpreso se eu tivesse feito. A vantagem está em que não o impeça de continuar a postular uma pergunta. Mesmo que eu deixe de tomar conhecimento do problema, ele pode continuar a existir.

Já que falei por muito tempo sobre esse assunto, acho que vale a pena fazer uma pausa para lhes dar a oportunidade de se sentirem estimulados pela curiosidade. Eu diria que não acho que esse assunto está esgotado, mas como a curiosidade pode ser estimulada por algo incompleto, desconhecido ou indefinido, encorajo-os para que se submetam a esta experiência até que em um momento qualquer comece a emergir.

Henri Poincaré descreveu uma situação na qual um conjunto de fatos ou de observações não tinham entre si coerência ou estrutura, mas ao fim de certo tempo viu que se enganara e formulou matematicamente um modelo que representasse os fatos que lhe incomodavam. Algumas vezes essa formulação não apenas explica o que Poincaré tentava explicar, mas revela ainda a existência de um modelo sobre uma coerência que não havia sido descoberta antes. Em suma, a questão é a de permitirem-se o direito de se expor em algo desconhecido, aguardando confiantes a emergência de alguma forma ou estruturação. Como já é hábito meu, apesar de ter dito que falei muito, continuei falando ainda mais. Agora, entretanto, espero para ver o que pressiona as mentes de vocês. E peço-lhes que transmitam isso para mim de forma que eu possa entendê-los.

– Quero perguntar sobre os processos mentais que resultam quando uma pessoa se entrega ao desconhecido. Segundo o conhecimento que o próprio Dr. Bion já nos deu sobre o funcionamento da mente humana, como esses processos mentais são relacionados aos oníricos? Resumindo, como é possível produzir condições mentais para que um sonho emergir em termos de pensamento?

É difícil de responder e, de fato, é necessário que você se volte para sua própria experiência para encontrar alguma coisa a dizer sobre tal processo. Esses acontecimentos mentais que ocorrem ao se apresentarem em uma ordem que (pelo menos assim gostaríamos de crer) é ditada por nossa mente apontando para um universo que não é “nós”.

Talvez pudéssemos ver ou ouvir as histórias, mas não teríamos nenhum modo de saber qual o problema que pressiona nossa atenção dentro dessa história. Como por exemplo, diríamos que é a forma pela qual quem ouve uma fuga de Bach, se fica atento para as das interferências, não ouve a música. E se essa pessoa não se incomoda em ouvir estática, ela pode passar dali para a criação de coisas como os radiotelescópios que buscam captar, não as fugas de Bach, mas as ondas estáticas dos emissores celestes. Isso é um problema, porque acreditamos que haja algo a dizer em favor da relevância quando, no entanto, há muito a aprender com o irrelevante. É por isso que é difícil responder a sua pergunta entre as diferentes coisas que as pessoas aqui reunidas sabem, entre aquilo que ouvem, haverá sempre uma atenta para uma coisa, um fato, aparentemente sem sentido ou irrelevante que, no entanto, poderia ser parte da história que queremos construir e que emerge tão irrelevantemente. Uma das vantagens de ter reunido um número grande de pessoas, caracteres, mentes, é a possibilidade de que um deles poderá ser impulsionado à atividade por meio de uma irrelevância qualquer. O receptor radiotelescópico da Inglaterra é um pires enorme capacitado a pegar esses elementos perdidos. De forma análoga, há muito a ser dito sobre um aglomerado de pessoas em uma universidade buscando captar ideias soltas. Já falei sobre o pensamento sem pensador. Uma universidade poderia albergar pensadores sem pensamento, Como aquela pessoa que só ouve as interferências estáticas de seu rádio. O que se espera desse aglomerado de gente que, para abreviar, chamamos de uma universidade, seria algo que atendesse melhor aos seus objetivos, funcionando como radiotelescópio e capturando ideias. Há uma dificuldade nisso porque 1000 pessoas têm que tolerar as frustrações e a disciplina envolvida em estar disponíveis para emergência dessas ideias. Essa visão não quer dizer que em uma universidade o aluno deva ser enchido de fatos como um porco espinho é coalhado de espinhos. É

mais uma questão de se disciplinar para poder estar disponível para o presente, para os pensamentos sem pensador.

– *O que o Sr. acha a respeito de Psicoterapia de Grupo?*

Eu não pratiquei regularmente trabalhos com grupos, apesar de ter participado de tentativas para organizar esse tipo de atividade. Penso que o termo “psicoterapia de grupo” é, em si, impreciso, pois está colorido com a ideia de “terapia”. Um grupo, uma coleção de caracteres ou personalidades humanas pode se desenvolver de forma totalmente inesperado. Considerando o grupo que tenho diante de mim, pessoas reunidas para ouvir algo como uma conferência, sinto que a pressão exercida pelos ouvintes é tão grande no sentido de que eu diga algo que eu mal posso esperar para ouvir o que venha a dizer! É difícil conciliar isso com a noção que vocês têm a respeito daquilo que eu vou dizer. Ou seja, vou procurar a questão da seguinte maneira: assim que esse aglomerado de pessoas se tornar consciente de estar sendo observado, esse fato em si já tem um efeito sobre o grupo. Isso me lembra o princípio da incerteza, ou de indeterminação de Heisenberg, na física quântica. Não sei se eu entendi o que esse físico quis comunicar, mas o que ele parece dizer é que o observar algo através de um microscópio eletrônico, o simples ato de observar, altera o fenômeno a ser observado. Poderíamos dizer que todas as ideias e pensamentos que ocorrem nesta sala desaparecem no momento em que se nota alguém ouvindo esses pensamentos. Poderia acontecer que se um grupo, ou um indivíduo pensasse que sua personalidade é tão respeitada a ponto de transformá-lo em um centro das atenções, tal coisa encorajaria esta pessoa, ou o grupo a produzir melhor. Isso não acontece. Entretanto, há pessoas que parecem saber fazer um bom uso desse tipo de experiência, e com isso conseguem alguma forma de crescimento. Entretanto, vocês podem observar esses efeitos por si mesmos, tirar suas próprias conclusões e decidir como farão suas observações pessoais sobre isso.

Por exemplo, quando um grupo se mostra estruturado, digamos que haja 10 ou 20 pessoas ostensivamente reunidas para um objetivo pré-fixado, como estudar matemática juntos, qualquer aprendizagem

que ocorre nesse grupo vai diferir em cada membro do grupo, cada um está aprendendo algo totalmente diferente da matemática.

É claro que essa ideia de terapia de grupo implica em supor que há algo a ser curado e que alguém deve ser curado. Isso é prejudicial a qualquer investigação, pois como saber se há algo a curar ou alguém querendo, de fato ser curado? Por outro lado, os grupos organizados para estudar matemática, como no meu exemplo anterior, ou música, ou física, podem crescer em qualidade e em estrutura e num rumo diferente do objetivo ostensivo do grupo, o de acumular informações ou receitas sobre alguma coisa. Ao se dirigirem para uma disciplina, no caso do exemplo para matemática, a capacidade para o crescimento e amadurecimento pessoal é reforçada. O objetivo ostensivo do grupo difere do crescimento, ou da deterioração do grupo, já sua organização exige uma aceitação da necessidade de um disciplinamento pessoal.

– A indeterminação das observações em física é menor do que as da psicanálise. Essa incerteza maior, na psicanálise, não é levada em conta pelos psicanalistas. Por que eles não fazem uso disto?

Há um certo número de psicanalistas que consideram que a incerteza é importante, a capacidade de tolerar a incerteza. Na carta de Keats a seu irmão ele falava sobre a “capacidade negativa”, ou seja, na capacidade de tolerar meias verdades ou incertezas como uma importantíssima característica. Por isso Shakespeare pôde ser Shakespeare. Como Keats, ele próprio, era um poeta excelente e provavelmente sabia sobre o que estava falando. A coisa curiosa é que Descartes que falava sobre “dúvida filosófica” nunca foi capaz de duvidar da dúvida. Ele não aplicou sua atitude filosófica sobre sua filosofia, algo surpreendente. De fato, creio que as próprias estruturas ou instituições como, por exemplo, os institutos de psicanálise, que se organizam para descobrir alguma coisa em particular, se deparam com o fato de terem um objetivo alusivo, e que o que buscam acaba em outro tipo de organização, ou acaba sendo colhido por outras instituições com objetivos diferentes.

– Quais são os requisitos básicos para se chamar de científica uma disciplina?

Acho que é muito difícil formular quaisquer ideias sobre isso, mas eu não tenho dúvidas de que tais princípios existem. Já que não tenho dúvidas, eu deveria saber formular alguma coisa, mas não sei fazê-lo. Frequentemente é verdade que quando um indivíduo é capaz de reter uma linha de pensamento em particular, um objetivo com grande tenacidade, apesar de todos os obstáculos, ele progride. Mendel teve que conter essa curiosidade. Em sua época ninguém se interessou sobre ervilhas, ele foi obrigado a se submeter a uma rígida disciplina e originou assim o que mais tarde foi a investigação sobre os cromossomos e a genética. Um indivíduo, cuja carreira tem uma coerência ou padrão que lhe escapou, vive segundo atos cuja consistência ele próprio não percebeu. É comum que, como indivíduos, nós desconhecamos nossas fraquezas. Isso é bastante compreensível até, mas também é comum desconhecermos nossas forças, o que é surpreendente. Uma universidade abarca várias formas de atividade. Porque alguém achou que uma pessoa faria bem isso ou aquilo, o indivíduo em questão acaba se submetendo a um modelo aceito de convenções. Sua opinião não se baseia em fatos concretos e ele se deixa levar pelo regime aceito.

É importante descobrir o que vocês são, o que vocês querem fazer, e isso pode dar-se apenas ao sair de uma universidade. Ou talvez não. Mas quando ocorre, a pessoa começa a tatear descobertas, ao longo de configurações cuja consistência começa descobrir.

Freud tentou afirmar o que, em sua opinião, seriam os fundamentos da psicanálise, ao fazer isso, ele também afirmava quais os fundamentos básicos de ser um homem. O ser humano é apenas parcialmente descrito quando se fala de sua vida sexual ou da capacidade de procriar. Tal coisa, comum, requer apenas a presença de dois sexos opostos. Se o objetivo é apenas o de produzir mais pessoas, há muitas coisas ocorrendo antes e depois. Sexo, nutrição etc. são eventos importantes, mas não sabemos por que motivo, além disso, as pessoas acabam tendo mentes ou personalidades. Além do ato reprodutivo, para formar um caráter há muita coisa se processando. Até certo ponto, quando se está em contato com um desses elementos básicos tem-se a impressão de que se está a caminho de certas regularidades.

– *Dr. Bion, poderia falar sobre os supostos básicos de grupos, segundo os princípios de sua teoria pessoal?*

Ao participar de grupos percebem-se certas configurações constantes, repetições regulares que emergem. Acho que seria necessário ter essa experiência de encontrar-se diante de uma situação emocional de um grupo antes de ser capaz de sentir o que emerge dessa experiência, fator que nos impele a explicitação de algo. Este é um dos elementos básicos cuja formação é peculiarmente difícil. Amar é um verbo tão batido que perdeu virtualmente o sentido, mas, apesar disso, a coisa em si, amor, pode ser sentida: a capacidade de amar e de sentir-se amado. Essas coisas fundamentais são quase informuláveis, apesar de todos os recursos de uma linguagem sofisticada como a de mais de 100 poetas que tentaram descrevê-la. A religião, por exemplo, pode ser algo difícil de se detectar em um indivíduo. Um adolescente pode adorar um ídolo de futebol, mas essa experiência religiosa específica transposta para a de um adulto não é adaptável. A questão básica é preservar, sem estragar, a qualidade de poder sentir que se está em contato com algo fundamental. A verbalização é menos importante que a capacidade de se viver esse vínculo com a coisa.